

## Formação docente em devir: a pesquisa como práxis no Curso de Letras\*

### *Teacher education in future: the research as praxis in the Course of Letters*

**Cláudio Luiz Abreu Fonseca**

Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT

clafonseca@hotmail.com

---

#### **Resumo**

Compreende-se a formação docente em Letras como uma formação em devir, que se inicia remotamente com a experiência familiar, passando pela escolarização até desembocar no curso de licenciatura quando é inaugurada a etapa institucional de formação do futuro professor de Língua e Literatura de expressão portuguesa. Trata-se de se refletir sobre a etapa formativa inicial do professor que desencadeia um processo de transformação, dadas as contingências situacionais, sociais e históricas em que se realiza. Não se trata, portanto, de se falar sobre uma formação que se conclui com o final da graduação em Letras, mas que se processa em devir desde o início, sobretudo, da graduação e continua após seu término. O futuro professor fatalmente passa no curso por uma travessia, cuja formação não se encerra na licenciatura, mas constitui o lugar em que a práxis da docência começa a se desenvolver. Em virtude disso, postula-se uma formação inicial norteada por projetos de pesquisa, cujos temas ou objetos podem ser eventos de linguagem que sejam em princípio familiares às referências culturais e sociosemióticas dos pesquisadores e futuros professores da área de Letras.

**Palavras-chave:** Formação docente. Licenciatura em Letras. Projeto de pesquisa.

---

#### **Abstract**

It is understood the teacher education in Literature as a formation in becoming, which begins remotely with the family experience, passing through the schooling until it finishes in the course of licentiate when the inaugurated the institutional stage of formation of the future teacher of Language and Literature of Portuguese expression . It is about reflecting on the initial formative stage of the teacher that triggers a process of transformation, given the situational, social and

---

\* Trabalho apresentado no IV COLSEMI/UERJ-2017 com alterações e acréscimos.

historical contingencies in which it takes place. It is not therefore a matter of talking about a formation that was concluded with the end of the graduation in Letters, but that is processed in becoming from the beginning, especially, of the graduation and continues after its end. The future teacher fatally passes the course through a crossing, whose formation does not end in the degree, but it is the place where the teaching praxis begins to develop. It is postulated an initial formation guided by research projects, whose themes or objects may be language events that are in principle familiar to the cultural and socio-semiotics references of researchers and future teachers of the area of Literature.

**Keywords:** Teacher training. Graduation in Letters. Research project.

---

### **Prévia**

Refletir sobre a formação docente tem sido uma prática mais frequente na área de Educação. Trabalhos têm abordado problemas relacionados à prática docente, aos saberes que são mobilizados para a formação nas licenciaturas, sobre o que e como ensinar, dentre outros temas atinentes à preparação do futuro professor para exercer o ofício no magistério.

Tem-se compreendido a formação docente em Letras como um processo que se inicia formalmente na licenciatura e tem sua conclusão ao final dela ou prossegue com a denominada formação continuada.

Uma investigação sobre a sua própria prática também tem ocorrido em função das contingências que o trabalho docente impõe ao professor. É inevitável olhar para a sua prática mesmo de esguelho. O cotidiano escolar e professoral lhe impõe isso. Este voltar os olhos para a própria experiência docente tem sido objeto de reflexão de estudos que buscam integrar as perspectivas da educação aos conhecimentos específicos das licenciaturas, bem como valorizar os saberes anteriores à formação inicial. Daí resulta a representação do professor que se quer formar: *professor reflexivo*. De acordo com essa perspectiva, o professor deveria refletir sobre a sua própria prática, seja durante a graduação seja após concluí-la, em pleno exercício.

Todas as etapas de formação do profissional de Letras têm a sua importância para constituí-lo como tal. Mesmo aquelas que fogem ao escopo formal e foram se naturalizando desde as mais remotas vivências das quais o futuro professor teria participado.

Passa-se a fazer uma ideia do que seja um professor quando se entra na educação formal desde as primeiras séries da educação básica. Em virtude disso, poderia se fazer uma arqueologia desse sujeito, a professora ou o professor, que desde muito cedo frequenta o imaginário de cada um que deseja ou que se torna professor mesmo a sua revelia. Essa história pregressa também nos constitui como sujeitos professores. Mas não é dela que se vai tratar aqui, ainda que tenha a sua significância. Se ela constitui o ser na sua trajetória inicial de formação, sua história fatalmente o constituirá.

Entra-se no curso de Letras, portanto, investido de uma história, de um *antes*, caracterizado pelas referências pregressas do sujeito sobre o mundo professoral, para se construir um *agora*, conforme a situação de enunciação, e também um *depois*, na medida que tanto as referências pregressas como a construção enunciativa do presente apontam inevitavelmente para o professor do futuro.

Trata-se, portanto, de abordar o *agora* como instância enunciativa dessa formação, sem, contudo, ignorar que o passado e o futuro também constituirão o presente enunciativo, ou seja, a enunciação que se produz no momento em que o sujeito se abre na expectativa de *ser, sendo*, em sua formação inicial, professor.

### O caráter enunciativo da prática pedagógica

Algumas questões são cruciais quando se pensa no papel das ciências ou da pesquisa científica na formação do licenciado de qualquer área do conhecimento, principalmente quando se reflete sobre a *pesquisa integrada ao universo pedagógico, seu fazer, o ensinar, o aprender, quem, o quê, como, para quem, onde, quando, por quê, para quê*:

	o quê	
	como	
quem		para quem (FUTURO) PROFESSOR <--
	> ENSINAR/APRENDER <-->	ESTUDANTE
	quando	
	por quê	
	para quê	

Muitos autores da área de Educação e de áreas específicas, como a área de Letras, tem se debruçado sobre o problema da formação do professor sob diferentes perspectivas: um professor em devir, um objeto de ensino, uma maneira de ensinar, uma metodologia, para quem ensinar e sua contrapartida, aprender, em que lugar (linguístico / social), em que momento (situacional / histórico), com que objetivos ensinar, para (trans-) formar (em) que tipo de sujeito?

Existem disciplinas (de *Práticas de Ensino*, de *Estudos Linguísticos*, de *Estudos Literários* etc.) nos cursos de licenciatura que contemplam essas e outras questões concernentes à educação e às áreas de conhecimentos específicos, como Letras e Linguística.

Procura-se tratar de uma concepção de *prática pesquisa*, que se articula como fundamento de uma *prática pedagógica*, sobretudo, ligada ao curso de Letras, que se constrói não só na formação inicial / graduação / licenciatura, mas também na *formação em devir*, sempre em transformação, dadas as contingências situacionais, sociais e históricas em que se realiza.

Ao tecer consideração a propósito da linguagem, do seu uso, em situações concretas de enunciação, Benveniste postula que,

Se o sentido da frase é a ideia que ela exprime, a referência é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar (...) a frase é então cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece. (BENVENISTE, 1989, p. 231)

Toma-se aqui a natureza enunciativa da linguagem, para se refletir sobre a prática pedagógica que se configura também como um acontecimento que se define no jogo discursivo.

O que se quer afirmar é que a linguagem em seu uso enunciativo permite que se compreenda que sua natureza é mais que o entendimento de que um sistema linguístico a torna possível; é também e, sobretudo, o que se faz com essa competência linguística diante de uma circunstância real de comunicação.

Postula-se que a formação no devir reside nesse processo contínuo de (trans-) formação, porque as situações em que se operam práticas pedagógicas de ensinar e aprender são também da ordem do uso da língua e das linguagens e das condições nas

quais esse uso se produz, condições não apenas situacionais, mas também histórico-sociais. A propósito, Bakhtin (Volochinov) compreende que

[...] o tema da enunciação é determinado não só pelas formas lingüísticas que entram na composição [...], mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. (BAKHTIN,1992, p.128-129)

Compreender a enunciação, seu tema, supõe recuperar a situação de enunciação, a constelação de signos que compõe o enunciado, incluindo os não verbais, constitutivos do acontecimento enunciativo. A formação em devir é permeada por esse caráter enunciativo que tem todo discurso. Ela nunca está pronta, acabada. Ela se circunscreve na dinâmica histórica e social em que os sujeitos, professor e alunos, estão inseridos. Ela se constrói ao sabor das mudanças sociais, que repercutem, queiramos ou não, na educação, na cultura, na língua etc.

A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade provisórias. (BAKHTIN, 1992, p. 136).

A sociedade se transforma para abrigar o ser em transformação. Refletir sobre o ser, neste caso, o futuro professor, é considerar não apenas a significação construída e fixada histórica e socialmente, mas também contrapô-la a novas significações absorvidas pelos signos, que ganham com isso *estabilidade e uma identidade provisórias*.

### **O projeto de pesquisa na formação docente**

A ciência em sentido amplo ensina que se deve delimitar o alcance da pesquisa. O curso de Letras tem se dedicado mais à linguagem verbal, as suas expressões lingüísticas e literárias de diferentes gêneros. Contudo, a linguagem tem se processado desde sempre por meio de sincretismo de diferentes sistemas semióticos. Muitos eventos de linguagem seriam mais complexos, uma vez que combinam linguagens intersemioticamente na construção de diferentes gêneros de discurso.

Eis um exemplo desta complexidade:



Figura 1: Capa da revista Veja de 3 de julho de 2013.

A capa de *Veja*, de 3 de julho de 2013, traz como epígrafe principal uma ilustração composta por signos pictóricos e verbais que fazem referência a manifestações populares que ocorreram em várias cidades do país, em junho de 2013, clamando por mudanças que, supostamente, algumas delas, foram atendidas pelos governantes, que teriam cedido à pressão popular. Os signos verbais e não verbais se articulam para a produção dos sentidos do discurso. Observe-se a multidão em passeata empunhando bandeiras de várias cores (aparentemente sem marcas partidárias), capitaneadas pela bandeira nacional, pressionando, com isso, o símbolo do poder maior, a praça dos três poderes em direção ao abismo. A queda é eminente se não forem atendidas as reivindicações da turba. Alguns *ratos* (ícones de corrupção, como os organizadores da Copa do Mundo de Futebol da FIFA; índices de identificação

partidária, como a bandeira vermelha) estão caindo no abismo por conta da pressão popular. Mas há uma leitura que se interpõe ao texto pictórico, cuja voz busca interpretá-lo, subjuga-lo a uma visão unilateral dos fatos, configurada no enunciado: *Então é no grito?* Há aí um valor que se interpela pela voz editorial da revista, cuja pergunta soa como uma quase ameaça, uma desqualificação de quem não tem argumentos e opta pelo *grito*, para ganhar a partida, ou neste horizonte social e histórico, ser atendido em suas demandas. Coloca-se em confronto a *irracionalidade de uma turba enraivecida* com a *racionalidade expressa pelas instituições*, inclusive pela imprensa. Este mesmo enunciado poderia ser lido de outra forma, se as condições de produção do discurso fossem outras.

Sejam quais forem as nuances interpretativas, que nos levassem, com base na materialidade textual, aos sentidos desse discurso, a diversidade dos gêneros que circula socialmente obriga, homens e mulheres de Letras, a considerar cada vez mais uma profusão de textos que atendam com mais eficiência às novas tecnologias da informação.

A pesquisa no curso de Letras vem se debruçando já há algum tempo sobre outros gêneros, cuja operacionalidade só é possível com a inclusão de outras linguagens, por meio das quais produzem sentidos.

Na base, há o sistema semiótico, organização de signos, segundo o critério da significação, tendo cada um destes signos uma denotação conceptual e incluindo numa sub-unidade o conjunto de seus substitutos paradigmáticos. Sobre este fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo. (BENVENISTE, 1989, p.234).

A reflexão de Benveniste repousa sobre a linguagem verbal, sobre sistema linguístico e uso, sobre língua e discurso, signo e palavra, mas pode ser extensiva à linguagem não verbal, dada a sua natureza significativa, comunicativa.

Nesse sentido, a pesquisa como referência na formação do docente do curso de Letras constitui estratégia significativa para o processo (des)contínuo de construção da docência, seja ela dos professores do curso, seja do futuro professor de língua e literatura de expressão portuguesa.

A pesquisa em linguagem deveria compor a prática docente e do futuro professor desde os semestres iniciais da licenciatura. A experiência em lidar com a investigação científica desde o início do curso possibilitaria:

0. a retomada do processo de construção do sujeito em pesquisador e futuro professor que é capaz de lidar, de maneira afetivo-criativa, responsável e ética, com diferentes manifestações de linguagem, reconhecendo-se desde o início sujeito de seu fazer pedagógico em devir;

1. a articulação entre a teoria e a prática, cujo resultado é a *práxis*;

2. a compreensão de aportes teóricos por meio da investigação de eventos concretos de linguagem;

3. a sistematização de conhecimentos ainda não sistematizados;

4. a reflexão sobre a perspectiva teórico-metodológica adotada e suas implicações em relação às concepções de pesquisa, educação, homem, sociedade e mundo.

A prática investigativa no começo da formação inicial viabilizaria o trabalho com eventos de linguagem que fazem parte da vida dos graduandos. Não se pode negligenciar os conhecimentos que o futuro professor tem da realidade linguística e literária que o cerca. A elaboração de projetos de pesquisa voltados para temas e objetos de interesse do futuro professor parece despertar no acadêmico de Letras:

1. a percepção de que a linguagem se manifesta em diferentes realidades e é por elas afetadas;

2. a mobilização de aportes teóricos e metodológicos demandados pelo tema/objeto de investigação;

3. a prática da pesquisa como referencial de estudo em diferentes campos disciplinares;

4. o reconhecimento de que a investigação em curso pode avançar por meio da ampliação do *cópus* e da análise, culminando no projeto de pesquisa do TCC;

5. a compreensão de que a produção da pesquisa é uma ação significativa para o incremento de projetos de ensino na Educação Básica.

A fim de exemplificar o trabalho com a pesquisa desde o início do curso, toma-se o que foi desenvolvido mais recentemente na disciplina *Estudos Linguísticos II*, em parceria com *Prática de Ensino III*, ambas do curso de Letras/Português, da UFMT/ICHS/Câmpus Universitário do Araguaia. Eis as ementas das disciplinas que

constam do Projeto Pedagógico de Curso – PPC (MATO GROSSO, 2006, p. 31-32):

**ESTUDOS LINGUÍSTICOS II**

Origem e evolução da Língua Portuguesa em sua história externa e interna. O Latim vulgar. O léxico português. A fonética histórica. Aspectos sociais e históricos da diversidade linguística do Brasil. Línguas indígenas do Brasil.

**PRÁTICA DE ENSINO III**

Didática e Metodologia: fundamentos teóricos e metodológicos do ensino da Língua Portuguesa e da Literatura. O processo de ensino na escola básica. Ensinar e aprender. Pensadores modernos e contemporâneos. Observação do trabalho do professor de Língua Portuguesa e de Literatura no ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano).

Há um trabalho prévio de compreensão das ementas, definindo seus alcances e seus propósitos. Desse exame resulta um plano, configurado no Programa da Disciplina ou Plano de Ensino.

As ementas indicam um caminho que deve ser percorrido, mas segundo uma ou mais trajetórias. A perspectiva histórica, social e interacionista, de base bakhtiniana, nos pareceu metodologicamente mais produtiva para contemplar a prática de ensino e os dados linguísticos, pragmáticos e discursivos recolhidos posteriormente pelos acadêmicos.

Considerar a prática de pesquisa como uma condição para a prática pedagógica, ainda que alguns trabalhos de investigação não contemplassem explicitamente uma reflexão sobre o ensino de língua e literatura, possibilitou que, diante de diferentes corpúscos, se refletisse sobre a linguagem, ampliando-se as perspectivas de análise, além daquelas subjacentes às ementas das disciplinas. Os temas e objetos de investigação, nesse sentido, fazem com que se mobilizem aportes teóricos, segundo aquilo que se mostrar mais pertinente para a compreensão do fenômeno em estudo. Essa pertinência tem a ver com o evento de linguagem, com aquilo que lhe é mais peculiar, na sua materialidade linguística, textual, que interferem na produção de sentidos.

**Temas/sujeitos/objetos de pesquisa na vida e na arte**

A seleção de temas, sujeitos e objetos de investigação decorre de levantamento prévio de eventos de linguagem que se manifestam na sociedade local, de que resulta o *conteúdo temático, a forma composicional e o estilo*, que compõem, organizam e

delineiam os possíveis enunciados dos gêneros de discurso a serem pesquisados. Os interesses dos acadêmicos são variados e emergem das relações que se estabelecem entre os conteúdos das disciplinas e as manifestações concretas de linguagem, o que significa apreender aquilo que é mais relevante segundo a perspectiva adotada.

A língua e a cultura da feira-livre, num diálogo histórico com o contemporâneo, a fala negociada de um grupo de motoristas de ônibus, atividades linguageiras de grupos sociais minoritários como encarcerados, prostitutas... foram alguns dos eventos que foram escolhidos, sistematizados e pesquisados pelos discentes. Destaca-se, para exemplificar, a pesquisa de Daniel Engleitner (2016), que posteriormente tornou-se seu projeto de pesquisa de TCC, cujo produto monográfico final intitula-se *Variações linguísticas: instrumento de autoproteção e jogo para burlar o sistema penitenciário*. Eis o sumário do trabalho:

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 SISTEMA PENITENCIÁRIO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES</b> .....	<b>13</b>
1.1 A pena privativa de liberdade .....	13
1.2 O sistema penitenciário de Filadélfia ou Belga .....	14
1.3 O sistema penitenciário de Auburn .....	15
1.4 O sistema penitenciário Inglês ou progressivo .....	15
1.5 O sistema penitenciário brasileiro .....	17
1.5.1 A penitenciária PM major Zuzi Alves da Silva .....	18
<b>2 - OS RECUPERANDOS</b> .....	<b>21</b>
2.1 A Inserção do Recuperando no Sistema Penitenciário .....	21
2.2 O Sistema Social da Penitenciária .....	22
2.3 O Ambiente Físico e Simbólico da Penitenciária .....	27
2.4 A Relação Agente Penitenciário e Recuperando .....	29
<b>3 - PERCURSO TEÓRICO</b> .....	<b>31</b>
3.1 A variação linguística: os signos linguísticos presentes na penitenciária “PM Major Zuzi Alves” .....	31
3.2 A Sociolinguística .....	33
3.3 O signo linguístico.....	35
<b>4 CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DO “CORPUS” E ANÁLISE</b> .....	<b>40</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>59</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>62</b>

Tratar do vocabulário do encarcerado, pressupôs contemplar dados históricos das políticas de encarceramento, as relações de poder e os papéis que os sujeitos desempenham no sistema penitenciário, bem como os fatores sociais que interferem na construção do código dos sujeitos privados de liberdade. A recolha de dados singulares dessa variedade de fala, bem como sua sistematização e análise social e linguística,

demonstra a validade da pesquisa que busca retratar um discurso que ainda encontra resistência no universo acadêmico como tema de investigação. Nesse aspecto, a literatura de um modo geral tem sido mais aberta a contemplar e a compreender aquilo que é particular, marginal, e que pode despertar o apreço pela pesquisa. Engleitner (2016), nesse sentido, viu em *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos (1948), e *Recordações da casa dos mortos*, de Fiódor Dostoiévski (1869), signos que dialogam com as condições do presídio de Água Boa – MT, no qual trabalha como agente penitenciário. Nesse caso, o envolvimento com o tema de pesquisa vai além do que apregoa o distanciamento acadêmico, de forma a produzir o que Bakhtin (1997) chama de pesquisador participante do diálogo que permeia a investigação, uma vez que

A compreensão do todo do enunciado e da relação dialógica que se estabelece é necessariamente dialógica (é também o caso do pesquisador nas ciências humanas); aquele que pratica ato de compreensão (também no caso do pesquisador) passa a ser participante do diálogo, ainda que seja num nível específico (que depende da orientação da compreensão ou da pesquisa). [...] O observador não se situa em parte alguma fora do mundo observado, e sua observação é parte integrante do objeto observado (BAKHTIN, 1997, p. 355).

### Últimas palavras

Concluo essa reflexão, referindo-me ao projeto filosófico bakhtiniano que norteou em grande parte essas ideias sobre a prática da pesquisa como referência para a formação do futuro professor de Letras. Bakhtin (2010), em a *Filosofia do ato responsável*, teria vislumbrado o lugar em que se pode promover a re-união entre os dois mundos do conhecimento, o da *mathesis singularis*/saber singular e o da *mathesis universalis*/saber universal. (PONZIO, 2010)

A Literatura, nesse sentido, consistiria uma *mathesis* fundamental, uma forma de conhecimento do objeto/tema/sujeito de investigação, uma vez que encerra e promove a síntese tanto de saberes da vida concreta como de saberes do mundo teórico, abstrato. Barthes propõe compreensão semelhante ao afirmar que

a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada, com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa (BARTHES, 1992, p. 18-19).

Por fim, pode-se indagar: todo o processo de formação inicial do professor é o começo de um devir? Representaria, ao fim e ao cabo, a conquista de certa liberdade em ensinar, construída por meio de uma *práxis* investigativa? Roland Barthes (1992) ao refletir sobre as condições históricas do fazer científico e pedagógico das Letras, em aula inaugural no Colégio de França, discerne sobre o tema ao propor o entendimento de que

o professor não tem aqui outra atividade senão a de pesquisar e de falar – eu diria prazerosamente de sonhar alto sua pesquisa – não de julgar, de escolher, de promover, de sujeitar-se a um saber dirigido: privilégio enorme, quase injusto, num momento em que o ensino das Letras está dilacerado até o cansaço, entre as pressões da demanda tecnocrática e o desejo revolucionário de seus estudantes. Sem dúvida ensinar, falar simplesmente, fora de toda a sanção institucional, não constitui uma atividade que seja, por direito, pura de qualquer poder: o poder (a libido dominandi) aí está, emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder. Assim, quanto mais livre for esse ensino, tanto mais será necessário indagar-se sob que condições e segundo que operações o discurso pode despojar-se de todo desejo de agarrar. Esta interrogação constitui, a meu ver, o projeto profundo do ensino que hoje se inaugura. (BARTHES, 1992, p. 9-10).

### Referências Bibliográficas

- BENVENISTE, E. “Forma e sentido na linguagem”. V. 2, in: **Problemas de linguística teórica**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV) “Tema e significação na língua”, in: **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.
- BARTHES, R. **Aula**. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 1992.
- ENGLEITNER, D. **Variações linguísticas: instrumento de autoproteção e jogo para burlar o sistema penitenciário**. Trabalho de conclusão de curso. Barra do Garças – MT: UFMT/ICHS:, 2016.
- MATO GROSSO, **Projeto pedagógico de curso – Letras**. Barra do Garças – MT: UFMT/ICHS:, 2006.
- PONZIO, A. *A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo*, in: BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

**Sobre o autor**

***Claudio Luiz Abreu Fonseca***

Possui graduação em Curso de Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1987), Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e Doutorado em Letras, Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Atualmente é Professor Adjunto do Curso de Licenciatura em Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais - ICHS, do Câmpus Universitário do Araguaia - CUA, da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise Semiótico-Discursiva, Linguística Aplicada ao ensino de língua portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de Língua Portuguesa: história, políticas, sentido social, pesquisa e metodologia; formação do professor de língua portuguesa; historiografia linguística e semiótica das culturas.

---

Artigo Recebido em Novembro de 2017.

Artigo aceito para publicação em Dezembro de 2017.